



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Ascetismo e sectarismo no pentecostalismo clássico das Assembleias de Deus

Ascetism and particularism in the classic pentecostalism's Assemblies of God

Ismael de Vasconcelos Ferreira*

Resumo

Os pentecostais, historicamente, tinham como característica um sentimento de desvalorização do mundo em prol de um desejo veemente de viver eternamente nos céus, com Jesus. Isto os motivava a não se “contaminarem” com nada que pudesse interferir nesta esperança, acarretando uma vida de exclusão e de estranhamento do/no mundo. Além dos discursos orais (pregações) ouvidos nas igrejas, estavam cercados de materiais teológicos que contribuíam para esta cosmovisão. Este artigo objetiva, portanto, compreender o princípio da formação ascética e sectária do pentecostalismo clássico no Brasil, algo que o caracterizou ao longo de sua história centenária. Esta abordagem busca contribuir também para uma leitura do pentecostalismo atual, tendo em vista que não considera exclusivamente sua funcionalidade, mas aspectos estruturais que motivam esta tradição religiosa. Considera-se aqui enquanto pentecostalismo clássico aquele vivido pela denominação que mais o representou no campo religioso brasileiro, as Assembleias de Deus.

Palavras-chave

Ascetismo. Assembleias de Deus. Cosmovisão. Pentecostalismo. Sectarismo.

Abstract

Pentecostals, historically, had the characteristic a sense of devaluation of the world toward a longing to live forever in heaven with Jesus. This motivated them not to “contaminate” with anything that could interfere with this hope, leading to a life of exclusion and alienation of/in the world. In addition to the oral speeches (sermons) heard in the churches, they were surrounded by theological materials that contributed to this worldview. This article aims therefore understand the principle of ascetic and sectarian formation in the classical Brazilian Pentecostalism, something that has characterized throughout its centuries-old history. This approach also seeks to contribute to a reading of the current Pentecostalism, given that does not

[Texto recebido em junho de 2015 e aceito em dezembro de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Graduado em Teologia pelo Instituto Superior de Teologia Aplicada (INTA - Sobral/CE). Mestre e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CAPES. E-mail: ismaelvasconcelos@yahoo.com.br

consider only its functionality, but structural aspects that motivate this religious tradition. It is considered here as classical Pentecostalism that lived by the denomination that most represented in the Brazilian religious field, the Assemblies of God.

Keywords

Asceticism. Assemblies of God. Particularism. Pentecostalism. Worldview.

Introdução

Em prol de uma experiência transcendente, que teria como ápice a redenção dos fiéis deste mundo e de tudo o que ele proporciona, o pentecostalismo clássico manteve em seus primórdios um ideal de práticas e comportamentos austeros, embasado em uma doutrina (escatologia) que defendia a efemeridade do mundo diante da volta iminente de Jesus Cristo. Esta convicção acarretava um sentimento de desvalorização do mundo, estando incluídas aí todas as relações pertinentes a ele. O fiel pentecostal “estava no mundo, mas não era do mundo” e, conseqüentemente, não podia se deixar levar pelos valores deste, já que almejava um lugar cujos valores excediam quaisquer riquezas materiais. Seja qual fosse a aparência de simples interesse por quaisquer atrações consideradas humanas, haveria o sério risco da perda das bênçãos espirituais já alcançadas, o que denotava um sério desvio por parte do fiel (apostasia), descaracterizando um ideal de separação exclusiva para Deus.

Este comportamento levava esses fiéis a adotar um estilo de vida embasado numa ética de santidade considerada necessária ao usufruto dessas bênçãos. Para isso, além de desvalorizar o mundo, se investiam de um modo de vida voltado exclusivamente para a adoração divina, procurando viver um modelo de santidade embasado na tradição bíblica e livre de quaisquer interferências profanas.

A caracterização deste estilo de vida do pentecostalismo clássico gerou uma comunidade ascética e com características sectárias que marcou historicamente os primeiros anos do movimento no Brasil, deixando em sua teologia rastros de um fundamentalismo que poderá ser visto a partir da leitura a seguir. Deve-se ressaltar que o ascetismo promovido pelo pentecostalismo clássico era muito semelhante àquela “ascese intramundana” do protestantismo europeu, analisada Max Weber.¹ A ressalva que se faz é que neste pentecostalismo clássico não havia espaço para as convicções calvinistas, identificando-se apenas com a ideia de glorificação a Deus por meio de um rigoroso *ethos*, valorizando a comunhão plena com Deus e desprezando o pecado emanado das possíveis relações com o mundo secular.²

¹ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

² MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

Este artigo busca, portanto, compreender o princípio da formação ascética e sectária do pentecostalismo clássico no Brasil, algo que o caracterizou ao longo de sua história centenária, utilizando para isto de materiais produzidos pelas Assembleias de Deus (notadamente periódicos utilizados nas escolas dominicais desta denominação) e estudos já realizados acerca da história e sociologia dos pentecostais. Esta abordagem busca contribuir também para uma leitura do pentecostalismo atual, tendo em vista que não considera exclusivamente sua funcionalidade, mas aspectos estruturais que motivam esta tradição religiosa. Outrossim, considera-se aqui enquanto pentecostalismo clássico aquele vivido pela denominação que mais o representou no campo religioso brasileiro, as Assembleias de Deus.

1 Desvalorização do mundo no pentecostalismo clássico

Observando-se o pentecostalismo clássico através de suas doutrinas, é possível constatar uma notória recusa aos valores promovidos pela sociedade. E a aparente identificação dos pentecostais com esses valores poderia causar a perda da salvação já alcançada. Isto acarretava o surgimento de uma sociedade paralela e de substituição através de uma descontinuidade das denominadas “velhas práticas” em benefício de uma vida de retraimento que procurava expressar uma mudança de caráter (“novo nascimento”) com valorização de aspectos considerados espirituais.

Esta dinâmica do pentecostalismo clássico acabou por fortalecer um estereótipo que a sociedade brasileira já havia associado ao protestantismo histórico, baseado naquilo que eles não eram ou não faziam como fumar, beber, dançar, ter vida sexual extramatrimonial e não se vestir de acordo com a moda.³ Estas “inclinações pecaminosas”, quando praticadas, poderiam levar o fiel a se desviar do ideal já estabelecido e, conseqüentemente, fazê-lo perder a salvação. Por isso, eram incitados a “renunciar aos prazeres mundanos, compreendidos como ciladas do Diabo, por meio do padecimento e da mortificação da carne”.⁴ Nesta afirmação, Ricardo Mariano faz menção da possível atuação do Diabo enquanto agente responsável pelos infortúnios que sobreveem às pessoas. Trata-se de uma interpretação bíblica em que todas as mazelas do homem só podem ser de origem diabólica, agindo de acordo com a procura e liberação desse próprio homem, ao buscar satisfazer seus próprios desejos. A solução encontrada para reverter ou impedir essas mazelas seria o estabelecimento de um modo de vida ascético, voltado exclusivamente para os desígnios divinos e eclesiásticos, representados pelas doutrinas que orientam os fiéis. E essas orientações visavam o desprezo pelo mundo e, se necessário,

³ VELASQUES FILHO, Prócoro. O nascimento do “racismo” confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990a. p. 111-131.

⁴ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010. p. 190.

à própria vida, isto é, aos desejos inerentes dela, conforme relata o comentário a seguir, extraído das Lições Bíblicas da EBD:

A Bíblia ensina de modo claro e direto que os filhos de Deus devem abster-se da prostituição, ou seja, de todo o tipo de infidelidade conjugal e da prática do sexo fora do casamento. Nos dias presentes, essa mensagem tem grande valor, pois vivemos em um mundo voltado para o sexo antibíblico, profano, vulgar e sem amor. Todavia, os crentes em Jesus têm o dever de ser “sal” e “luz” neste mundo.⁵

Assim, o pentecostalismo clássico desestimulava quaisquer práticas reconhecidas de satisfação corporal. Seus fiéis eram instigados a julgar simples ações cotidianas (por exemplo, o lazer e o acompanhamento da moda) como algo capaz de desviar o foco do cristão, podendo inclusive levá-lo a pecar por estar cedendo a desejos e prazeres da carne e assim afirmando um possível interesse às “coisas do mundo”. Dessa maneira, expressavam aversão a um pretensão materialismo proveniente da adesão a essas práticas, temendo que isto pudesse torná-los indiferentes às suas tradições, preferindo abdicar de seu bem-estar a perder a comunhão com a igreja, conforme afirma Ciro Zibordi na Teologia Sistemática Pentecostal: “o materialismo torna as pessoas indiferentes ao Criador. Os antediluvianos só pensavam em seu bem-estar; sentiam-se seguros. E é assim que muitos, em nossos dias, estão se comportando”.⁶ E complementando esta afirmação:

Neste modelo, os fiéis primam por uma ascese ao que consideram bens de ostentação material, tais como: frequentar determinados ambientes sociais, usar roupas de grife ou consideradas de moda, ornamentar-se com adereços e joias, praticar determinados esportes etc. A renúncia a tais bens se dá em nome de um bem maior: a riqueza espiritual.⁷

Esta aparente aversão ao mundo é devida principalmente à doutrina escatológica defendida pelas Assembleias de Deus. Por crerem na transitoriedade deste mundo e estarem desesperançados quanto à sua transformação, exatamente por acreditarem na exclusiva redenção advinda dos céus, não haveria tempo para pensar no presente, ainda mais se levando em conta o caráter iminente da parusia. Restava-lhes apenas a defesa de uma pureza moral que os afastava de quaisquer manifestações culturais da comunidade

⁵ RENOVATO, Elinaldo. Exortação à santidade. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 41-47, ago. 2005a. p. 43.

⁶ ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a Doutrina das Últimas Coisas. In: GILBERTO, Antonio; ZIBORDI, Ciro Sanches (Orgs.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 485-559. à p. 494.

⁷ PROENÇA, Wander de Lara. Da ascese aos bens do mundo ao anseio por um mundo de bens: representações da pobreza e da riqueza nas práticas do pentecostalismo brasileiro. In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes: Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 357-401. à p. 363.

em que viviam, ainda que isso resultasse em um isolamento social, algo que já seria comum entre eles, pois já estariam acostumados à marginalização.⁸

Havia ainda, entre os pentecostais, um desapego à aparência dos seus templos, pois “toda beleza e todo ornato eram considerados supérfluos e pecaminosos”.⁹ Os próprios periódicos doutrinadores das Assembleias de Deus também tratavam de nortear o modo de vestir dos seus fiéis da seguinte forma: “o crente renovado, seja mulher ou homem que quer agradar o Senhor (Rm 14.18) não aceita a orientação do espírito do mundo quanto à moda. O mundo não tem direito de determinar o modo de trajar do crente”.¹⁰ Isto contribuía para o modo como seus fiéis se vestiam, podendo mesmo ser reconhecidos de longe.

A arquitetura de suas construções obedecia ao mesmo padrão, devendo abolir quaisquer aspectos que lembrassem outras construções clássicas da época. Por se tratarem de templos, preferiam assumir um estilo próprio, mas considerado simples. O intuito não era a grandeza e suntuosidade, mas a utilidade. Com isso, não importava se o templo fosse apenas um enorme quadrado vazio e situado em um logradouro desconhecido. Importava se fosse funcional, capaz de congregar todas as pessoas que ali fossem.¹¹ A justificativa, que era bíblica, para tal determinação era de que “Deus não habita em templos feitos por mãos de homens” (Atos dos Apóstolos 7.48). Sendo assim, não seria o ornamento ou a suntuosidade que faria com que a divindade habitasse naquele lugar, mas a simplicidade e a sinceridade daqueles que ali congregavam.

Em respeito a esta ética de desvalorização do mundo pelo pentecostalismo clássico, há que se ressaltar ainda o sistema simbólico que permeia suas concepções. A visão dualista do sagrado e do profano constantemente interpela os cristãos acerca de suas práticas e tende a valorizar sempre o sagrado e desprezar o profano.¹² Com isso, todas as relações advindas de uma convicção elaborada a partir das doutrinas seguidas pela denominação poderão (e deverão) ser seguidas, já que estariam expressando a vontade divina para o fiel. Já as convicções reconhecidamente provenientes de uma evolução social, deveriam ser desprezadas por expressarem atitudes profanas. Há nisso um notório descompasso quanto à existência humana e sua necessidade de relacionar-se com o mundo em que vive (sua imanência) e a proeminência da natureza espiritual do homem (sua transcendência). O pentecostal não procurava viver sua vida de acordo com a imanência dela, mas preocupava-se em trazer suas concepções transcendentais à

⁸ ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. p. 55.

¹⁰ BERGSTÉN, Eurico. O crente e o mundo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 51-57, ago. 1984. p. 55.

¹¹ MENDONÇA, 2008, p. 55.

¹² CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

imanência, objetivando assim um viver sagrado na esfera do profano, uma hierofania.¹³ A tendência era de desprezar completamente as ações exclusivas do mundo e tentar viver nele a partir de ações que promovessem, principalmente, seu bem-estar espiritual.

Assim, o caráter ascético e separatista do pentecostalismo clássico contribuiu consideravelmente para o estabelecimento de uma ética de retraimento e não envolvimento social dos pentecostais a mudanças internas que poderiam alterar seu modo de discernir as coisas espirituais. A estratégia, portanto, era manter-se cada vez mais distante daquilo que acarretaria essa transformação. Isso fez deles uma comunidade sectária que procurava viver a partir de suas próprias convicções, mas também gerou comportamentos aparentemente alienáveis quanto aos problemas sociais e políticos que os circundavam.

Esse posicionamento sempre foi defendido pelas denominações pentecostais. Os primeiros missionários estrangeiros que trouxeram o pentecostalismo para o Brasil tinham um discurso reconhecidamente escatológico, com ênfase na parusia e na experiência com o Espírito Santo. Não havia entre eles uma preocupação com a condição social ou política do país. Pelo contrário, consideravam apenas a condição espiritual do homem a fim de que ele pudesse alcançar o favor divino e assim ter direito ao perdão dos seus pecados e, conseqüentemente, à salvação. Era um reflexo da experiência religiosa que haviam tido recentemente nos Estados Unidos, antes da chegada ao Brasil, e que visava exclusivamente à preparação espiritual do homem a fim de aguardar o retorno iminente de Jesus Cristo.

Os três missionários que lançaram entre nós o anúncio pentecostal trouxeram apenas a experiência religiosa. Não é difícil constatá-lo nos primeiros anos que aqui viveram. Gunnar Vingren e Daniel Berg em nada se interessaram pela vida do povo simples e pelas duras necessidades materiais por que este passava. Pelo que se sabe, viviam seus dias repartidos entre as horas de aprender a língua e o tempo que dedicavam às orações e leituras da Bíblia. Se reuniões faziam com os batistas, não tinham por objetivo se inteirar de como vivia o pessoal pobre que morava na periferia. (...) Sua mente estava constantemente preocupada em incutir nos batistas que os rodeavam a experiência de oração, a ponto de os pastores batistas se mostrarem um tanto apreensivos com esse tipo de comportamento: vigílias de oração noite a dentro, acompanhadas de cânticos e leitura da Bíblia.¹⁴

Enfatizava-se unicamente uma teologia embasada no experiencialismo, tendo aqui o Espírito Santo papel fundamental, e numa escatologia pré-milenarista que ansiava pelo retorno iminente de Jesus Cristo. Associando-se esses fenômenos às reuniões ou cultos que eram realizados sempre com espontaneidade e muita emoção, não havia espaço para

¹³ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹⁴ ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1994.

outras convicções consideradas externas e seculares.¹⁵ Ademais, com as programações religiosas cada vez mais competitivas, o fiel praticamente não tinha tempo de pensar em outra coisa fora da igreja. Havia sim uma dedicação racional e ascética por parte desses fiéis que os tornava cada vez mais dependentes da igreja com o intuito de resolver sua condição humana espiritualmente decadente. Essa resolução só aconteceria a partir do momento em que as preocupações provenientes da vida social fossem deixadas de lado, ou melhor, do lado de fora da igreja. Afinal, o próprio discurso da denominação desvalorizava tais preocupações, incentivando seus membros a concentrarem-se exclusivamente “nas coisas de cima”, na adoração a Deus, no serviço à igreja e na iminência da volta de Jesus Cristo, desprezando assuntos que só contemplavam a condição pecaminosa e efêmera do homem.

Isto constituiu uma característica muito peculiar aos pentecostais clássicos que, a exemplo dos protestantes históricos, assumiam um caráter separatista, sendo considerados dispensáveis nas discussões acerca de uma contribuição cultural nos moldes defendidos pela sociedade. Suas crenças, seu conhecimento, seus costumes ou hábitos passaram a constituir caracteres próprios de uma comunidade que tinha como fundamento uma vivência religiosa voltada exclusivamente para o sagrado, estando o social fora dessa cultura.¹⁶ E, havendo essa transcendência, esses fiéis não apareciam, não se apresentavam, não se inseriam de modo sensível na política e na cultura secular. Consequentemente, não havia um impacto na sociedade brasileira.¹⁷ Também pudera, conforme se vê neste excerto, que “em relação ao poder temporal, a Igreja não recebeu de Deus a autoridade para dominá-lo, nem para submetê-lo ao seu governo. A missão da Igreja é espiritual. Ela é a luz do mundo e o sal da Terra, e como tal a sua missão é ‘iluminar’ e ‘salgar’ a Terra”.¹⁸

Quando surgiram meios de uma considerável contribuição da religião a fatos sociais que demandavam um posicionamento, notadamente a partir do implemento da teologia da libertação e do movimento ecumênico, essa interpelação fez com que as Assembleias de Deus fossem obrigadas a posicionar-se com mais veemência diante de problemas vivenciados pela sociedade brasileira, tendo que afirmar em um dos seus periódicos oficiais (o jornal Mensageiro da Paz) que “a religião não deve atuar para resolver conflitos sociais”.¹⁹

¹⁵ ROLIM, 1994.

¹⁶ ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹⁷ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: marginalização social e misticismo pentecostal. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 233-247.

¹⁸ FERREIRA, Túlio Barros. A igreja em relação ao Estado. *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro, v. 3, p. 28-30, ago. 1990. p. 29.

¹⁹ ARAÚJO, Arão Inocência Alves de. Sob o domínio do presente: a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleiano brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio

Esta concepção, que poderia ser considerada histórica e coisa do passado, sendo exclusiva do pentecostalismo clássico, ainda influenciaria as igrejas (e os fiéis) desta tradição de maneira considerável. Um exemplo disso estava na maneira como esses fiéis viam o dever do voto por ocasião da política. Na verdade, eles votavam porque era algo obrigatório, mas não ousavam questionar suas escolhas. Isto porque sempre apoiavam os candidatos do governo, crendo que eles seriam as autoridades verdadeiramente constituídas por Deus na terra, de acordo com a interpretação bíblica. A este respeito, Francisco Cartaxo Rolim traz um depoimento de um cristão acerca do seu voto quando o Partido dos Trabalhadores (PT) começou sua investida na eleição de um Presidente da República no final da década de 1980: “sou crente e não vou ficar manchado com política. Meu voto é Jesus. Na Bíblia está escrito para obedecer às autoridades da terra. E este partido (PT) é contra as autoridades, contra o governo. Crente não se mete em política”.²⁰ Ainda corroborando com este pensamento, segue um excerto das Lições Bíblicas das Assembleias de Deus que doutrina a respeito do assunto:

Sem dúvida, o povo de Deus, através de todos os tempos, tem sofrido dura oposição por parte das autoridades, mas isto não nos autoriza a fazer oposição aos poderes constituídos. Por três séculos, o Império Romano desencadeou cruel perseguição à Igreja. O apóstolo Paulo foi vítima desses poderes até a morte, mas deixou escrito: “Quem se opõe às autoridades, resiste a Deus”. É dever do verdadeiro servo de Deus, cooperar, ajudar, e acatar as ordens das autoridades para o seu próprio bem, orando por elas (1 Tm 2.13). Resistir-lhes ou opor-se-lhes é diabólico e traz consequências embaraçosas (1 Tm 4.12).²¹

Através desses registros, é possível constatar a verdadeira preocupação do pretenseleitor pentecostal. Na verdade, não havia uma preocupação direta com a situação em que o país se encontrava política e socialmente. E a afirmação “crente não se mete em política” é categórica ao expressar essa desvalorização, já que se considera à parte dessas situações sociais por viver em uma esfera voltada exclusivamente para o sagrado. Outrossim, a doutrina das Assembleias de Deus alertava quanto ao perigo do envolvimento direto da igreja local com a política, porém já dando margem a uma participação mais indireta nesta, relativizando a máxima anterior acerca do envolvimento dos fiéis na política partidária:

Os crentes, como cidadãos, podem votar e ser votados. Mas a igreja, como instituição de Cristo, não deve ser envolvida com a política, mediante a troca de favores de quaisquer espécie. O prejuízo pode ser irreparável. É de

Paulo. *Cem anos de Pentecostes: Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 163-209. à p. 184.

²⁰ ROLIM, 1985, p. 245.

²¹ FERREIRA, 1990, p. 30.

bom alvitre que os pastores não declarem sua preferência. Estes foram chamados para unir o rebanho.²²

Há uma clara distinção entre o papel do cristão e o papel do cidadão. O último não poderia sobrepor o primeiro, estando este sempre em primazia. Enquanto cidadão, o cristão deveria se utilizar de suas convicções para eleger seus representantes. Mas nunca poderia esperar que isto viesse a alterar significativamente sua prática de fé, no sentido de provocar mudanças, a partir do implemento de suas crenças, a fim de recuperar o mundo. Ademais, esta condição contribuía para um modo de pensar bastante intransigente que corroborava com sua escatologia: “por que a Igreja deveria se preocupar com as questões do mundo, se sua destruição é irreversível e qualquer tentativa infrutífera?”²³

Esta seria a constatação de que o pentecostalismo clássico objetivava influenciar as pessoas a tirarem os pés do chão e colocarem a cabeça nas nuvens, demonstrando um claro desinteresse em criticar socialmente a realidade ao seu redor, preferindo ficar à margem da sociedade e da política, crendo não ser esta sua preocupação ou responsabilidade.²⁴ Acreditavam também que toda e qualquer mudança social só poderia ser efetivada a partir da pregação do evangelho, através de um agir sobrenatural, divino. E, por desacreditarem numa melhoria gradual da humanidade sem essa ação sobrenatural, lançavam mão de suas concepções apocalípticas que, sendo fatalistas e aniquiladoras, apontavam para um fim catastrófico da humanidade, crendo ser somente este o meio possível para a construção de uma sociedade sem males e que expressasse a perfeição do criador.

Para viver esta crença, o fiel pentecostal deveria assumir um estilo de vida absolutamente contrário a todas as manifestações tipicamente humanas e materialistas. A busca por uma ética de separação do mundo o levaria a um viver que diferia consideravelmente da vida já consagrada materialmente, com todas as suas pluralidades e idiossincrasias. Por se considerar separado do mundo, o cristão deveria agora almejar exclusivamente uma existência embasada em conceitos e práticas voltadas para uma ascese espiritual e que tinha na bíblia seu modelo preferencial. Por isso, buscava viver em santidade.

2 Por uma ética de santidade

Se habitar nos céus eternamente com Jesus Cristo era o que importava aos fiéis do pentecostalismo clássico, se fazia necessário um rigor ascético a ser seguido com respeito à vida temporal. Esta deveria estar pautada em uma ética de santidade voltada exclusivamente para a adoração a Deus e conseqüente sublimação dos desejos humanos.

²² RENOVATO, Elinaldo. O cristão e a política. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 60-64, set. 2002. p. 64.

²³ ALENCAR, 2010, p. 142.

²⁴ ROLIM, 1985; TOLOVI, Carlos Alberto. Mito, religião e organização social. *Pensar – Revista Eletrônica da FAJE*, n. 1, v. 2, p. 118-135, 2011.

De acordo com os periódicos doutrinadores das Assembleias de Deus, “santificar é pôr à parte, consagrar ou dedicar uma coisa ou alguém para uso estritamente pessoal. Santo é o crente que vive separado do pecado e das práticas mundanas pecaminosas, para o domínio e uso exclusivo de Deus”.²⁵ Com isto, o fiel haveria de exprimir sinais acerca de sua eleição celestial e eterna, manifestados principalmente através do fruto e dons atribuídos ao Espírito Santo (Gálatas 5.22²⁶ e 1 Coríntios 12.7-10²⁷). E à medida que experimentavam essas manifestações, por vezes extáticas, sentiam que a parusia estaria mais próxima do que antes, fortalecendo assim suas convicções.

O crescimento das denominações pentecostais deu-se principalmente através dessa ética de santidade. Não se pode analisar este crescimento sem fazer referência ao rigor exigido aos fiéis por essas denominações. Por oferecerem garantias eternas, em detrimento das temporais, conseguiam arrematar um grande número de adeptos dispostos a “pagar um preço” em prol dessas garantias através do sacrifício ou a mortificação do corpo. A renúncia aos prazeres temporais era o objetivo que motivava os fiéis cotidianamente. Viver uma vida de renúncia significava estar no centro da vontade de Deus e, conseqüentemente, no caminho que levava aos céus, conforme ressalta o excerto a seguir:

Na vinda de Jesus, só os crentes irrepreensíveis irão ao seu encontro. A santificação é o único meio pelo qual essa vida irrepreensível pode ser alcançada. É necessária a vigilância, a oração, a leitura da Bíblia, e a obediência incondicional aos princípios sagrados, que são a base da conduta cristã.²⁸

É possível identificar, através do registro histórico dos movimentos que deram origem ao pentecostalismo clássico no Brasil, que esta ética de santificação era proveniente dos grandes despertamentos ocorridos nos Estados Unidos no século XIX e que levaram “um número crescente de crentes a reunirem-se para buscar a perfeição e a santidade”.²⁹

²⁵ GILBERTO, Antonio. O Cristo e sua santificação. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 42-49, ago. 2006. p. 45.

²⁶ “Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança”.

²⁷ “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um, para o que for útil. Porque a um pelo Espírito é dada a *palavra da sabedoria*; e a outro pelo mesmo Espírito, a *palavra da ciência*; e a outro, pelo mesmo Espírito, a *fé*; e a outro, pelo mesmo Espírito, os *dons de curar*; e a outro a *operação de maravilhas*; e a outro a *profecia*; e a outro o *dom de discernir o espíritos*; e a outro a *variedade de línguas*; e a outro a *interpretação das línguas*”. (Os *itálicos* são nossos). É necessário observar que não há um consenso no meio pentecostal acerca da quantidade desses dons. Durante muito tempo eram considerados apenas estes nove. Porém, após novas pesquisas e constatações, “descobriu-se” que poderiam haver outros dons citados em livros como Romanos, por exemplo. No entanto, essas discussões não visam um prejuízo à doutrina dos dons do Espírito Santo. Pelo contrário, reiteram a necessidade de o crente pentecostal ter a oportunidade de buscar ainda mais dons a fim de se confirmar como eleito de Jesus Cristo para morar no céu.

²⁸ RENOVATO, Elinaldo. A vinda de Jesus e a conduta cristã. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 76-82, set. 2005b. p. 81.

²⁹ CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 192.

Esta seria novamente uma referência à influência estadunidense na formação teológica do pentecostalismo clássico brasileiro. Aliando este ideal de perfeição e santidade ao da parusia, estabelece-se uma convicção doutrinária que ressalta a importância de uma vida santa, justa e irrepreensível como necessária ao ingresso no reino de Deus a partir da parusia.³⁰ Consequentemente, esta vida estaria afastada da secularização promovida pelo mundo temporal, devendo o fiel apartar-se das práticas comuns a ela e apegar-se unicamente àquelas práticas que revelavam seu desejo de estar com Jesus Cristo.

Isto caracterizou o fiel pentecostal como alguém que era possuído por Deus continuamente. Enquanto vivia em um tempo e espaço profanos, procurava viver de acordo com suas convicções baseadas num tempo sagrado, aplicando suas próprias convicções ao seu modo de vida social e político, desejando, por vezes, incentivar os outros a terem o mesmo estilo de vida, através das práticas proselitistas que marcaram o início do pentecostalismo clássico, popularmente conhecidas como evangelismo pessoal e de massa, a partir de panfletos ou testemunhos narrados pelos próprios fiéis. O fiel só se convenciu de estar possuído por Deus se mantivesse uma ética de santidade que envolvesse, dentre outras práticas, esta pregação proselitista. Agindo assim, estaria agradando a Deus e retroalimentando sua fé.

A transformação pela qual passava qualquer pessoa que aderiu à religião pentecostal era realmente significativa. Isto porque não se tratava apenas de alguém que outrora não tinha religião ou que professava um outro credo religioso e que agora havia se tornado “crente” e ia à igreja regularmente, adotando outro modo de vestir e agir diante do mundo, indicando uma mera mudança de religião. Entendendo a mensagem que havia sido pregada para ele, que falava inclusive da necessidade de “nascer de novo” e “viver em novidade de vida”, o fiel pentecostal buscava aperfeiçoar-se não mais nos prazeres do mundo, mas nos “valores do Reino, a descoberta dos verdadeiros prazeres espirituais e da verdade revelada”³¹ a fim de garantir sua salvação.

Com isso, a ética de santidade incentivava uma extrema rejeição ao mundo, necessária ao usufruto da salvação, ressaltada através da santificação constante do fiel. As suas ações deveriam estar embasadas em um ideal estabelecido pela própria denominação religiosa que justificava seus posicionamentos de acordo com uma compreensão bíblica que era voltada exclusivamente para a prática da santificação, conforme a citação a seguir, acerca do “comportamento cristão”:

³⁰ RODRIGUES, Vinicius Emanuel. Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1999-2000). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes: Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 211-247.

³¹ VELASQUES FILHO, Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990b. p. 205-232. à p. 220.

O crente é exortado a uma vida de santidade pela certeza do retorno iminente de Cristo (Rm 13.11). Sua vida em nada lembra o modo de viver dos incrédulos. Por esta razão, vive como peregrino (2 Co 5.1; 1 Pe 2.11,12), não amando o mundo nem o que há nele (1 Jo 2.15-17) e almejando o dia em que deixará para sempre este corpo mortal (Fp 3.20,21).³²

As igrejas pentecostais tinham então, na santificação, a justificativa para utilizar outros métodos de rejeição ao mundo que poderiam ser expressos através do próprio corpo dos fiéis. De fato, “o crente pentecostal (...) estabelecia uma relação conflituosa com o seu corpo, uma atitude de rejeição”.³³ Isto era constatado na prática do jejum que, dentre todas as religiões cristãs, a pentecostal era a que mais se utilizava dessa prática.³⁴

Sobre a liberdade fora da igreja, esta também era cerceada pela doutrina que tratava das “proibições da dança (...), da prática sexual antes do casamento, da masturbação”.³⁵ O ideal pentecostal era que o corpo, enquanto participante direto das ações do mundo, deveria ser mantido sob permanente disciplina a fim de não prejudicar o processo de santificação pelo qual o fiel passava. Ainda outras ações poderiam interferir nesse processo, conforme continua ressaltando Alexandre Carneiro de Souza:

Os diversos segmentos populares convertidos ao pentecostalismo eram exortados a renunciar, como fora dito, entre outros, a festas, práticas esportivas, jogos, consumo de cigarro e bebida, folclore, crendices e certas profissões (cambistas, cantores, comerciantes de bebida e cigarro, empregados de casas de show etc.) porque essas atividades sociais eram consideradas ofensas, iam de encontro à vontade de Deus.³⁶

Carlos Rodrigues Brandão³⁷ também resalta a segregação vivida pelos pentecostais, demonstrando a preocupação que a igreja tinha com seus membros a fim de separá-los do mundo criando, por conseguinte, um outro mundo, paralelo, vivido no âmbito da santidade:

a igreja pentecostal separa seus membros do mundo com a condição de criar para eles um mundo separado, não só do ponto de vista ético (o crente não fuma, não bebe, não adultera, não fica em bar, não vive pelas ruas, não vê televisão, não vai ao cinema, não escuta rádio); como também do ponto de vista de uma rotina de vida. “Fora de casa e do trabalho, lugar de crente

³² SILVA, Eliezer de Lira e. Vivendo como salvos. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 75-81, mar. 2006. p. 79.

³³ SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?: um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004. p. 77.

³⁴ SOUZA, 2004.

³⁵ SOUZA, 2004, p. 81.

³⁶ SOUZA, 2004, p. 50, 51.

³⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. Uberlândia: Edufu, 2007.

é a igreja”, ou os círculos onde a cultura da igreja estende-se pela vida de cada crente.³⁸

Como os pentecostais abdicavam de prazeres peculiares ao mundo profano, “sobrava-lhes” algo que normalmente seria empregado na satisfação desses prazeres: o dinheiro. Diferentemente da racionalização financeira produzida pelos protestantes históricos que tinham “o hábito de ver o dinheiro como meio de criar mais e novas riquezas [e] nunca um meio de satisfazer suas necessidades de prazer”,³⁹ os pentecostais não almejavam o acúmulo de bens materiais, já que não poderiam ser usufruídos plenamente devido à exiguidade do tempo de suas vidas, considerando a iminente parusia. Pelo contrário, eles procuravam ter um estilo de vida modesto, sendo encorajados a viver apenas com o necessário e “contribuírem alegremente com a obra do Senhor” através dos dízimos e ofertas.

A observância dessas práticas causava no fiel pentecostal uma sensação de regozijo e confirmação de uma vida santificada, por estar contribuindo com o reino de Deus e assim garantindo seu acesso e permanência nele. Interessa ressaltar que essa ação não se tratava de uma simples troca onde o doador requeria algo do recebedor, ou seja, haveria uma cobrança a Deus de acordo com a contribuição dada pelo crente. Na verdade, ainda que fosse ressaltada a promessa de fartura e bênçãos destinadas aos contribuintes, conforme é constantemente narrado de acordo com o versículo bíblico de Malaquias 3.10,⁴⁰ estes procuravam agir muito mais pelo que chamavam de fé, sendo considerados fiéis e obedientes ao mandamento divino, do que por um sentimento de retorno dos seus investimentos, corrigidos de acordo com um índice econômico positivo.

Este seria mais um meio de se alcançar a santidade necessária para estarem na presença de Deus, não se deixando levar pelos apelos do consumismo e do amor ao dinheiro, fatos considerados muito comuns na sociedade que tinham como profana. Se nesta sociedade as virtudes eram avaliadas de acordo com medidas terrenas, o mundo em que os pentecostais viviam tinha virtudes e riquezas incomensuráveis. E a manutenção dessas riquezas só podia ser feita através de uma rejeição ao sistema vigente no mundo e o autocontrole do fiel diante de possíveis assédios que poderiam fazê-lo retroceder às suas convicções. Assim, não havia interesse em um modelo secular baseado no triunfo e na resolução de todos os problemas. Interessava-se exclusivamente em estar separado desse modelo, criticando toda forma contrária de doutrinação, conforme o excerto a seguir:

A doutrina da santificação vem sendo esquecida em muitos de nossos púlpitos. Na procura insana por aquilo que se convencionou chamar de politicamente correto, substituiu-se a teologia da santificação por um

³⁸ BRANDÃO, 2007, p. 276.

³⁹ VELASQUES FILHO, 1990b, p. 209.

⁴⁰ “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o SENHOR dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes”.

ensino de autoajuda e triunfalista. A grande proeza destes dias selvagens não é o ser santo, mas o triunfar na profissão e prosperar materialmente, como se estas fossem o parâmetro exigido por Deus para herdarmos a vida eterna.⁴¹

À medida que os pentecostais sustentavam um discurso separatista com ênfase na santificação e desprezo aos valores seculares, sentiam-se perseguidos pela própria sociedade que eventualmente tachava-os de intolerantes e alienados. Na verdade, isso contribuiu consideravelmente para o fortalecimento da sua doutrina escatológica que via no sofrimento uma manifestação da aprovação divina para suas crenças e atos. Assim, o pentecostalismo clássico exaltava o sofrer, como consequência de seu ascetismo e separatismo, e punha-o como item necessário à vida do cristão que almejasse viver eternamente com Jesus Cristo.

Conclusão

O pentecostalismo clássico reencantou o mundo secularizado, trazendo interpelações as mais diversas ao cotidiano dos seus fiéis. Esta formação teológica e doutrinária, tendo se inspirado nos mesmos ideais ascéticos do protestantismo histórico, foi responsável pelo estabelecimento de uma cosmovisão que inicialmente fortaleceu as bases deste pentecostalismo, dando suporte aos movimentos que vieram em seguida, como aqueles referidos nas análises sociológicas do pentecostalismo (segunda e terceira ondas).

Contudo, diante do avanço da modernidade e das interpelações da secularização, o pentecostalismo tendeu a uma vivência mais pragmática e imediatista, característica dos novos movimentos religiosos pentecostais. Ainda assim, não se desvencilhou totalmente daqueles ideais normativos, tendo ampliado seu raio de ação, deixando de normatizar somente o cotidiano dos fiéis pentecostais e passando a abranger o dia a dia da sociedade em geral. Isto se deveu principalmente à incursão destes pentecostais na política, atuando agora de maneira um tanto quanto ambígua, haja vista esta atuação não compreender o modo de vista do pentecostalismo clássico.

O entendimento desta nova dinâmica torna-se um desafio aos estudos de pentecostalismo pois pode-se logo constatar que os pentecostais não estão mais afeitos àqueles ideais ascéticos e sectários do passado nem à agenda progressista do mundo secularizado, mas trafegam nesta via de mão dupla, indo e vindo, fazendo conversões e retornos, demonstrando um interesse em se manterem ativos, em movimento, ainda que presos a normatizações ditas fundamentalistas, mas ostentando espaços seculares e modernos que não se coadunariam com aquilo que lhes motivaria enquanto experiência última de sentido: o desapareço ao mundo e o irresistível desejo de morar no céu.

⁴¹ ANDRADE, Claudionor de. Estarás tu vigiando quando Jesus vier?. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 90-96, dez. 2004. p. 94-95.

Referências

ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ANDRADE, Claudionor de. Estarás tu vigiando quando Jesus vier?. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 90-96, dez. 2004.

ARAÚJO, Arão Inocência Alves de. Sob o domínio do presente: a valorização do tempo presente no pentecostalismo assembleiano brasileiro (1950-1990). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes: Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 163-209.

BERGSTÉN, Eurico. O crente e o mundo. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 51-57, ago. 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. Uberlândia: Edufu, 2007.

CAMPOS, Bernardo. *Da Reforma protestante à pentecostalidade da igreja*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo: o pentecostalismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1996.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA, Túlio Barros. A igreja em relação ao Estado. *Lições Bíblicas*. Rio de Janeiro, v. 3, p. 28-30, ago. 1990.

GILBERTO, Antonio. O cristo e sua santificação. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 42-49, ago. 2006.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1995.

_____. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

_____. Protestantismo no Brasil: marginalização social e misticismo pentecostal. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 233-247.

PROENÇA, Wander de Lara. Da ascese aos bens do mundo ao anseio por um mundo de bens: representações da pobreza e da riqueza nas práticas do pentecostalismo brasileiro.

In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes: Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 357-401.

RENOVATO, Elinaldo. A vinda de Jesus e a conduta cristã. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 76-82, set. 2005b.

_____. Exortação à santidade. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 41-47, ago. 2005a.

_____. O cristão e a política. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 60-64, set. 2002.

RODRIGUES, Vinicius Emanuel. Esperando o fim do mundo: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil (1999-2000). In: OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATTE, Antonio Paulo. *Cem anos de Pentecostes: Capítulos da História do Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 211-247.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, Eliezer de Lira e. Vivendo como salvos. *Lições Bíblicas*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 75-81, mar. 2006.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?: um desafio às leituras contemporâneas da religiosidade brasileira*. Viçosa: Ultimato, 2004.

TOLOVI, Carlos Alberto. Mito, religião e organização social. *Pensar – Revista Eletrônica da FAJE*, n. 1, v. 2, p. 118-135, 2011.

VELASQUES FILHO, Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990b. p. 205-232.

_____. O nascimento do “racismo” confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990a.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZIBORDI, Ciro Sanches. Escatologia: a Doutrina das Últimas Coisas. In: GILBERTO, Antonio; ZIBORDI, Ciro Sanches (Orgs.). *Teologia Sistemática Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 485-559.